

Das farsas e folias do mundo

Concertos Nómadas

Flautas **António Carrilho**
Violoncelo **Catherine Strynckx**
Cravo **Jenny Silvestre**

Preço único: 10€

**CCB . 25 de fevereiro . sexta-feira . 19h00 . Centro de
Reuniões**



Programa:

Tarquinio Merula (1595-1665)

*Canzonetta Spirituale sopra alla nanna **

Aria su la cetra amorosa

Andrea Falconieri (c. 1585-1656)

*Folias echa para mi Señora Doña Tarolilla
de Carallenos **

Biagio Marini (1594-1663)

*Passacalio **

Jacques Morel (1700-1749)

Chaconne en trio

Eurico Carrapatoso (1962)

Pastorale d'Hiver (estreia absoluta)

I. *Io sento un gaudio nuovo*
II. *E tutta renovata io so en fervore*
Johann Heinrich Schmelzer (c. 1620-1680)

Sonata Quarta
Arcangelo Corelli (1653-1713)
La Folia

* Arranjos de António Carrilho

«Yo no soi nada de prosas,
ni salmos folias y bailes; e otras cosas saltaderas son las mias.»

In Templo de Apolo (1526), Gil Vicente

Esta brevíssima e certa descrição que Gil Vicente faz do povo lusitano permite-nos a aproximação ao universo imaginário das folias, género musical caracterizado por uma ambiência alegre e ritmada, utilizado pelo grande impulsionador do teatro ibérico como mais um instrumento de medição do pulso da sociedade portuguesa quinhentista.

A alegria esfuziante que se atribui à execução das folias potencia a sua associação ao modelo dramático da farsa, de matriz temática igualmente popular, caracterizada pela materialização de caricaturas ou críticas sociais.

A popularidade de tais modelos garantiu-lhes longevidade, perdurando muito para além da vida do genial Gil Vicente, numa Europa de muitas latitudes e em coexistência saudável com a literatura musical de matriz mais expressiva e profunda.

Das farsas e folias do mundo propõe-se percorrer um pouco desta herança cultural comum, centrando-se na exuberância do barroco, sem excluir a contemporaneidade, com a apresentação, em estreia absoluta, da sugestiva *Pastoral d'Hiver*, de Eurico Carrapatoso.

Jenny Silvestre

Pastorale d'Hiver é uma peça curta, mas exigente, com o grande J.S.Bach em pano de fundo, mirando-me de óculos escuros. Uma das marcas mais incríveis da música do nosso querido Bach é o sentido inato do movimento, numa música milagrosa, sempre cheia de impulso, tantas vezes baseada em padrões repetitivos, como pedais e *ostinati* tão bem expressos no 2.º andamento, onde perpassa a minha coisa favorita: precisamente o sentido de *motum perpetuum*, onde o *cantabile* da flauta é baseado num fluxo de harmonias com um desenho regular no cravo, *arpeggios* de forma fixa, levando-nos a uma experiência de transporte inescapável até aos pontos climáticos. A parte do cravo tem um papel muito importante, um papel principal, diria, com um tempo *giusto* vívido, nunca desacelerando ou apressando (como se fosse uma espécie de dispositivo de pêndulo), sempre brilhante, ajudando o duo a atingir esse que é o objetivo principal: a já referida sensação de fluxo contínuo, encarnando o elemento virtuoso desejado por mim e pelos intérpretes no desafio que se lhes lança.

É claro que os segmentos *cantabile* deste 2.º andamento (tendo sido essa, aliás, a essência que atravessou todo o primeiro andamento eivado de tanta melancolia) podem e devem ser líricos e doridos. Por isso, devem ser enfatizados de forma a que o duo e o público vivam uma experiência de comunhão e de celebração da vida em todas as

cambiantes expressivas, desde as tais melancolias de olhar oblíquo às folias de olhar
façanhudo.

Eurico Carrapatoso

31 de outubro de 2021